

Hedilton Moreira Bezerra de Araújo
Orientadora: Profa. Dra. Danyelle Nilin Gonçalves

IX ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Grupo de Trabalho

GT 18; Culturas Juvenis na Escola

CONSTRUINDO UM AMBIENTE DE APOIO - A POSVENÇÃO AO SUICÍDIO NA
ESCOLA.

FORTALEZA, CEARÁ

2025

CONSTRUINDO UM AMBIENTE DE APOIO - A POSVENÇÃO AO SUICÍDIO NA ESCOLA.

Hedilton Moreira Bezerra de Araújo¹
Orientadora: Profa. Dra. Danyelle Nilin Gonçalves²

RESUMO

O texto apresentado é referente ao início de um estudo sobre o impacto do suicídio em contextos escolares e como podemos adequar as intervenções para lidar com o luto na comunidade escolar. Este trabalho faz parte de uma pesquisa de mestrado em Sociologia atrelado ao programa PROFSOCIO – UFC, com financiamento da CAPES. Analisamos as manifestações de luto por suicídio sob uma perspectiva sociológica, destacando dados sobre a mortalidade por suicídio no Ceará entre 2009 e 2023. A pesquisa propõe a criação de um plano de posvenção nas escolas, para apoiar os sobreviventes enlutados e prevenir novas ocorrências.

Dentre as contribuições, o texto sugere a elaboração de uma cartilha educativa para orientar ações pedagógicas e promover a saúde mental no ambiente escolar. A abordagem inclui estratégias como rodas de conversa, palestras, atendimentos individuais e atividades de conscientização. A Sociologia é destacada como uma disciplina-chave para abordar o tema da morte, contextualizando o suicídio como um fato social e promovendo reflexões críticas.

Além disso, a pesquisa analisa dados epidemiológicos, revelando padrões de vulnerabilidade e propondo intervenções adaptadas às particularidades locais. O estudo destaca a importância de capacitar professores e gestores para identificar sinais de risco e adotar medidas de adoção efetivas. A pesquisa sugere que a escola tenha um olhar para a saúde mental da comunidade em casos extremos como a situação de um suicídio na adolescência que é sempre tão chocante.

Palavras-chave: Posvenção; Suicídio; Escola; Saúde Mental

¹ Graduado em Geografia- Universidade Estadual do Ceará (UECe) ; Graduado em História – Universidade Federal do Ceará (UFC); Especialista em Supervisão Escolar - Pont. Universidade Católica (PUC RS); Mestrando em Sociologia – PROFSOCIO – UFC. hedilton@gmail.com ; Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9526322512278057> ; ORCID: [0000-0001-7195-7019](https://orcid.org/0000-0001-7195-7019)

² Graduada em Ciências Sociais (1999), Mestre (2001) e Doutora (2006) pela Universidade Federal do Ceará. Membro do Laboratório de Estudos de Política, Educação e Cidade (LEPEC), pesquisa e orienta os seguintes temas: cidade, educação, ensino de Sociologia, ditadura, memória e campanhas eleitorais. Email: danyelle.nilin@ufc.br ; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3467578535972274> ; ORCID: [0000-0002-9353-054X](https://orcid.org/0000-0002-9353-054X)

INTRODUÇÃO

Por apresentar aspectos que não são totalmente tangíveis, a morte causa nas pessoas sensações distintas ao mesmo tempo que traz o temor, pois nos leva para a questão do sobrenatural, daquilo que não se tem controle, também desperta a curiosidade, porque a morte está além da nossa capacidade de perceber a relação de causa e efeito. Afinal, segundo Elias (1982, p.76) “A morte é um problema dos vivos”.

Nosso estudo justifica-se pelo fato de observar que no ambiente escolar não há um protocolo de ações de prevenção ao suicídio ou de suporte pós-trauma. Para fundamentar essa discussão, é necessário compreender o conceito de posvenção, termo cunhado por Edwin S. Shneidman, um renomado psicólogo clínico dedicado ao estudo da suicidologia e tanatologia. A posvenção refere-se às ações e atividades realizadas após um suicídio completo, com o propósito de ajudar os envolvidos a lidar com o estresse e as emoções relacionadas ao episódio.

Por isso é necessário desenvolver na escola um plano de cuidados pós o evento relacionado com suicídio para acolher melhor os sobreviventes enlutados. Chamamos assim todas as pessoas que de alguma forma foram impactados pelo episódio relacionado com a tentativa ou a consumação do suicídio. Proponho uma cartilha para fornecer elementos para auxiliar a tomada de decisão da escola em elaborar um plano capaz de dar um suporte aos membros da comunidade que de alguma forma foram impactados com o fato social suicídio e que estejam ligados de alguma forma a escola, como uma forma de preparar membros adultos da escola para amparar os jovens e demais membros da escola em casos de serem atingidos pelos efeitos de um episódio de suicídio em sua comunidade escolar.

Não é sempre que uma escola tem um incêndio, mas há um plano de combate a incêndios; não é sempre que uma escola tem um acidente, mas temos a existência de uma Comissão Interna de Prevenção a Acidentes - CIPA. Não é comum uma escola apresentar casos de suicídios na mesma proporção de um incêndio ou de um acidente de trabalho, porém é bom estarem preparados. Nas instituições educacionais o impacto que o suicídio causa entre os estudantes desencadeia um processo de luto. É importante destacar que o processo de luto é vivenciado de maneira diferente, dependendo do nível de comprometimento com a história de vida do suicida.

O luto por suicídio apresenta características marcantes, um misto de dor e vergonha. Elias (1982, p 86) afirma que nos dias atuais, o distanciamento das crianças do fenômeno da morte reflete diretamente como os jovens encaram o luto por morte, estes jovens podem se sentir desconectados das tradições e rituais que historicamente ajudavam a assimilar perda.

Diante desse cenário, surtemos a necessidade de termos profissionais nas escolas que estejam preparados para oferecerem suporte e auxílio à comunidade escolar impactada por um suicídio.

A ocorrência de suicídios entre jovens, inserida no contexto escolar, justifica a implementação de um plano de acompanhamento pós luto nas escolas. Esses episódios suscitam uma gama de emoções, como ansiedade, medo e revolta, não apenas entre os alunos, mas também entre professores e funcionários. Além disso, o suicídio é um fenômeno complexo, diferenciado tanto do ponto de vista legal quanto humano, o que torna ainda mais complexo do ponto de vista sociológico.

Antes de iniciar qualquer atividade de apoio aos estudantes na escola, é necessário realizar uma avaliação cuidadosa para entender as necessidades específicas da comunidade escolar e dos indivíduos afetados. Estas atividades podem incluir palestras, rodas de conversa, grupos de observação e atendimentos individuais, proporcionando um espaço seguro para que os alunos expressem seus sentimentos e recebam o suporte necessário.

A escola pode reproduzir em menor escala as emoções que o jovem terá na vida adulta. Sem dúvida ela exerce um papel marcante, seja de forma positiva ou negativa, na construção de um ser social. Inclusive esse pensamento é alvo de debates entre sociólogos, Bourdieu, por exemplo. E educadores que consideram a escola um espaço de reprodução, onde comportamentos, valores e normas sociais são emulados.

A morte quando é vista como uma forma de fuga, temos a causa basilar que move o indivíduo a cometer o suicídio. No momento em que a comunidade escolar recebe a notícia da morte prematura de um estudante o choque paralisa, ela não foi preparada para encarar este fato. Quando a causa morte se revela com suicídio a dor ganha um aditivo a mais. O sistema exige que a vida siga normalmente, todavia isso não é possível. A comunidade se recusa a aceitar, como se as palavras fossem apenas um eco distante.

No primeiro momento o que temos é a negação, em um segundo momento as lembranças vão ocupando os espaços coletivos, de uma maneira meio caótica, uns lembram de um fato engraçado, outros de uma situação em que o personagem ajudou a outros, os fatos desagradáveis são deletados nesse momento. Tudo é ressignificado ganhando uma nova relevância, como se um lugar que outrora ocupado por essa pessoa na sala de aula ou no refeitório estivesse reivindicando a sua presença. Percebemos que as estruturas de hierarquia da escola parecem desmoronar, pois pessoas mais preparadas para lidar com a morte podem assumir protagonismos. A realidade que antes existia foi quebrada mostrando a fragilidade do equilíbrio emocional humano.

Acompanhado do sentimento de ausência que a morte do jovem trouxe, também o

sentimento de responsabilização das instituições: como a família, igreja e a escola que este jovem frequentava. Como as pessoas que orientavam esse adolescente não perceberam a diferença no comportamento? Quem eram seus professores? O que esse jovem escrevia em suas redações? A sua ausência ou a sua presença eram percebidas? Agora essas respostas não fazem mais sentido, apesar de, atormentam os adultos responsáveis pela condução daquele jovem.

A vida na sociedade tem que caminhar e na escola não é diferente, as “tarefas diárias têm que seguir, entretanto a forma com que as atividades que antes eram encarradas como rotineiras, agora parecem triviais, como se qualquer esforço fosse inútil para que se tenha a normalidade. Com o passar dos dias a tristeza vai cedendo espaço para a rotina, gatilhos ainda vão fazer lembrar do estudante suicida, as marcas do luto tem profundidades diferentes, afinal, o processo de luto é uma jornada pessoal sendo sentida de maneira diferenciada pelos membros da comunidade escolar, podendo durar por um certo tempo.

A escola passará por campanhas de prevenção e talvez por um exagero na melancolia de alguns estudantes, esse misto entre melancolia e depressão cria uma sombra de ter outro suicídio envolvendo outro jovem da comunidade escolar. Isso amedronta gestores, professores e funcionários.

No Brasil, segundo estudo da Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz- Divulgado pelo site do Centro de Integração de Dados e Conhecimentos para Saúde (CIDACS), a taxa de suicídio entre jovens cresceu 6% ao ano no Brasil entre os anos de 2011 e 2023. Já as taxas de notificações por autolesões na faixa etária de 10 a 24 aumentaram 29% a cada ano nesse mesmo período. O número foi maior que na população em geral, cuja taxa de suicídio teve crescimento médio de 3,7% ao ano e a de autolesão 21% ao ano, neste mesmo período.

Mesmo existindo muitos tipos de juventudes. Alguns perigos são elos de ligação entre todos os grupos. A juventude está exposta a perigos sociais que se intensificam na medida em que as pressões se acumulam entorno de uma cobrança por resultados homogêneos. Então, quem são os jovens mais vulneráveis a questão do suicídio? Seguindo a linha de raciocínio Levi e Schmitt (1996, p 42), podemos interpretar que na abordagem sócio-histórica, ao estudarmos a juventude, não devemos indagar “o que é a juventude?”, mas, “como se constituiu historicamente este período do desenvolvimento”.

Isto porque para a abordagem sócio-histórica, só é possível compreender qualquer fato a partir da sua inserção na totalidade, na qual este fato foi produzido, totalidade essa que o constitui e lhe dá sentido. Portanto o que é a juventude implica buscar compreender sua gênese histórica e seu desenvolvimento. Sendo assim, não iremos encontrar uma faixa de

comportamento que padronize o perfil do jovem suicida. Vamos encontrar contextos sociais que flutuam em todas as classes sociais que potencializam a questão da ideação suicida e que podem ou não culminar com o suicídio.

Levi e Schmitt (1996, p. 42), afirmam que a juventude é pressionada por estar sobretudo na condição de limite entre a infância e a fase adulta. Ou seja, uma transição. Vivenciando o nascer de uma autonomia, mas, sem poderes para exercê-la, gerando com isso os conflitos com os pais ou professores que não desejam perder a sua posição de referência. Para os autores, os padrões de comportamento da juventude se repetem, mudando apenas de roupagem. Os conflitos são acentuados por uma questão existencial ou por manipulação da juventude por parte da política ou por parte do capital. Na modernidade, a juventude é alvo de várias vertentes de consumo, a moda, o cinema, a música interferem em suas ideias e ideais mascarando hábitos e ampliando, em alguns casos, a distância do mundo pretendido para o mundo real.

Neste contexto a visão do jovem sobre um óbito pode ser influenciada pela maneira como a morte é apresentada na cultura popular e na mídia. Ariès (2012, p.86), observa que a representação da morte na cultura moderna muitas vezes contribui para sua marginalização, dificultando o desenvolvimento de uma compreensão madura e realista sobre o fim da vida. Bourdieu (1984, p.151), acrescenta que o consumo cultural, mediado pelas preferências estéticas e pelos padrões de consumo impostos pela sociedade. Sendo assim, as questões estéticas que envolvem a morte são muito mistificadas e distantes do contexto da juventude.

O luto causado por uma morte ligada ao suicídio na juventude, traz três choques instantâneos O primeiro é a própria notícia de uma morte de um conhecido. O segundo é o ato do suicídio, que por sua natureza já é impactante. O terceiro é o fato dessa morte ocorrer na juventude. A morte de um jovem é vista com um pesar acompanhado de um lamento, porque ocorreu no início de uma vida. Quando essa morte vem por meio de suicido, além de ser vista com muito pesar, também vem cheia de um misto de dor e vergonha, por parte da família e indagações por parte da sociedade em que esse jovem estava inserido. Esse luto tende a se prolongar por um tempo indefinido, para alguns familiares pode durar até mesmo anos.

Podemos concluir que a perspectiva da juventude sobre a morte demonstra as complexas interações entre fatores culturais, sociais e individuais. A maneira como a morte é discutida e apresentada na sociedade contemporânea influencia profundamente as atitudes dos jovens, moldando suas respostas emocionais.

Com uma obra muito próxima do existencialismo Albert Camus (2010, p.07), afirma que o suicídio é um ato que deriva de um pensamento individual: de um processo muito complexo que tem fatores físicos que refletem na consciência como um lampejo, uma

possibilidade. Embora, não tenhamos evidência que Camus discorde das definições de Durkheim, Ele complementa que o suicídio vai além de um fato social e que a ideia suicida é gerada no “silêncio da individualidade”, e que segundo o autor, até mesmo a vítima ignora esses pensamentos suicidas no início. Para o autor, o suicídio é a única questão realmente séria da Filosofia, pois segundo o autor, a decisão de permanecer ou não vivo é decisiva para todas as outras discussões.

O suicídio precisa ser analisado também dentro de uma compreensão social e cultural. Claro que não podemos perder de vista a questão econômica e comportamental. Segundo Bauman (2022, p.102), compreender uma ação é também compreender o seu significado, ou seja, saber a intenção, investigar os propósitos e os sentimentos que o motivaram a realizar aquela ação. Partindo desse princípio podemos pensar em iniciar a análise do fato social suicídio compreendendo o ambiente onde esse ator estava inserido.

A pesquisa possui como objetivo geral; Compreender os impactos de casos de suicídio no cotidiano escolar. Podemos elencar com objetivos específicos: Auxiliar os profissionais da escola a conduzir esta situação; Oferecer alternativas de acolhimentos aos jovens atingidos e Propor práticas pedagógicas que integrem a dimensão social e a necessidade de um plano de posvenção. Pretendemos que o trabalho seja encarado como uma pesquisa aplicada e explicativa, se utilizando de uma abordagem qualitativa, reconhecendo a importância de compreender os significados e subjetividades dos atores envolvidos.

Como ferramenta para auxiliar o acolhimento da comunidade escolar, iremos propor a construção de uma cartilha educativa como forma de divulgar as informações e estratégias disseminando as ações de forma acessível e apresentar a comunidade escolar atividades de reflexão para conviver em um momento tão delicado como uma morte por suicídio no contexto de uma escola. A cartilha busca integrar uma equipe multidisciplinar entorno dos estudantes mais atingidos de uma forma presente e discreta para que não cause constrangimentos ou romantizações do episódio ocorrido, busca-se não apenas transmitir conhecimento, mas também promover um raciocínio crítico em uma ação educativa eficaz.

O produto cartilha é caracterizado por ser um material didático de grande relevância, por possui uma proposta gráfica mais atrativa e uma organização de conteúdo mais concisa e que ao mesmo tempo convida a um aprofundamento no tema por fornecer ao leitor opções de pesquisa sejam em forma de literatura ou audiovisual. Por meio da cartilha também podemos esclarecer e ao mesmo tempo divulgar projetos ligados ao tema.

A cartilha pode ser o “pontapé” inicial para desencadear um processo de ensino e aprendizagem contribuindo assim para o esclarecimento da comunidade escolar, funciona de

certa forma como um convite para uma ação educativa. A cartilha terá como objetivos primeiramente informar a comunidade escolar sobre o suicídio e estratégias de acolhimento voltados para os cuidados que a comunidade escolar precisa após um episódio ligado ao suicídio, desmistificando o tema e promovendo a conscientização sobre a importância da saúde mental. Em seguida a cartilha se propõe a orientar a escola na construção de um plano de apoio ao luto adequado à sua realidade, considerando as necessidades e os recursos disponíveis, oferecendo ferramentas práticas para a identificação de estudantes em risco, o acolhimento da comunidade escolar e a promoção da saúde mental na escola. Por fim, estimular o diálogo e a colaboração entre a escola, as famílias e a comunidade na prevenção do suicídio e na promoção da saúde mental dos jovens.

A construção da cartilha parte de autores que estão além do assunto suicídio, há contribuições de cientistas sociais e autores da área da saúde mental. A experiência que tenho com o tema está relacionadas com as formações realizadas, principalmente com a participação dos Professores Diretores de Turma – PDT, que aliás serão ouvidos por meio da realização de entrevistas semiestruturadas para a formação do texto da pesquisa.

Vigente desde 2008, o projeto propõe que o professor, independentemente de sua área de conhecimento, responsabilize e por uma determinada turma, cabendo-lhe conhecer os estudantes individualmente, para atendê-los em suas necessidades. Além disso, são atribuições do Professor Diretor de Turma (PDT) a mediação das relações entre a sua turma e os demais segmentos da comunidade escolar, bem como o trabalho de formação cidadã e desenvolvimento de competências socioemocionais, junto aos seus estudantes.

A escolha da entrevista semiestruturada com os Professores Diretores de Turma (PDT), reflete a busca por uma compreensão abrangente e contextualizada, permitindo um relacionamento direto com os participantes da pesquisa e a flexibilidade necessária para explorar diferentes perspectivas de quem está diretamente em contato com os estudantes.

Portanto, as ações de intervenção pós-suicídio devem ser adaptadas às necessidades individuais dos sobreviventes enlutados, oferecendo um cuidado diferenciado e respeitando o tempo de cada um para superar o luto.

A validação da proposta do plano de intervenção nas escolas revela não apenas a importância do tema, mas também os desafios enfrentados pelas instituições de ensino para lidar com questões tão sensíveis e complexas. A pesquisa não apenas identificará lacunas e necessidades, mas também apontará caminhos para uma intervenção efetiva e responsável, visando o bem-estar e o desenvolvimento integral dos estudantes e da comunidade escolar.

METODOLOGIA APLICADA NA PESQUISA

Considerando o objetivo da pesquisa, que visa compreender como a escola pode lidar com o suicídio de um estudante e auxiliar na recuperação da comunidade escolar por meio de um plano de posvenção, a metodologia qualitativa se apresenta como a mais adequada. Conforme Minayo (2014, p.34) A abordagem qualitativa se justifica, pois, busca-se a compreensão dos significados e subjetividades dos atores envolvidos, indo além da mera quantificação de dados.

A pesquisa qualitativa, com seu foco na compreensão de experiências, percepções e significados, permite uma análise mais profunda do complexo fenômeno do suicídio no contexto escolar. A partir desta abordagem, será possível investigar as diversas dimensões do problema, considerando os aspectos sociais, emocionais, culturais e institucionais que o influenciam.

Como método de coleta de dados nos apropriaremos do estilo pesquisa participante, embora tenha suas raízes na sociologia, sofreu influências de outras áreas do conhecimento, como a economia, antropologia e a própria filosofia. Para Haguette (2001, p.23), Configurando-se como uma importante vertente da metodologia qualitativa, incorporando e aprofundando diversos de seus princípios. Essa relação se torna evidente ao analisarmos as características da pesquisa participante e como elas se conectam com a essência da pesquisa sugerida, pois valoriza as perspectivas e experiências dos participantes, A pesquisa qualitativa se baseia em métodos de coleta e análise de dados que privilegiam a subjetividade e a interpretação dos significados, como por exemplo a Entrevistas semiestruturadas.

De acordo com Minayo (2014, p.64) A Entrevista semiestruturada: Combina a "possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formalizada" com a utilização de um "roteiro previamente elaborado". Este modelo de entrevista será aplicada com os Professores Diretores de Turma (PDT), que estão em contato direto com os alunos e possuem um papel importante na identificação de sinais de sofrimento emocional, serão fundamentais para a coleta de dados sobre as experiências e percepções sobre o suicídio no ambiente escolar, as dificuldades enfrentadas na abordagem do tema e as sugestões para a construção de um plano de suporte eficaz .

O roteiro da entrevista abordará temas como a experiência dos professores com casos de suicídio, as políticas e procedimentos da escola, o apoio e os recursos disponíveis, as estratégias de amparo nos casos de morte de estudante, utilizadas, a cultura escolar em relação ao tema, o suporte e a colaboração entre a escola, as famílias e a comunidade, e as perspectivas

para o futuro.

A análise dos dados coletados será realizada a partir da análise de conteúdo, que consiste na identificação de categorias, temas e padrões presentes nos relatos dos participantes. Essa análise permitirá compreender os significados atribuídos ao suicídio, as formas como o tema é experimentado e significado pela comunidade escolar, as dificuldades enfrentadas e as sugestões para a construção de um plano de cuidado eficaz.

De posse das respostas dos PDT's tabularemos as respostas, com isso poderemos representar os diálogos em forma de tabela. Para organizar os dados com fidedignidade realizaremos uma leitura atenta identificando as informações relevantes e codificando de uma forma que represente a informação de maneira objetiva. Para melhor entendimento dos leitores as informações devem ser categorizadas formando um sistema que permita a organização e a análise dos dados.

Com base nos resultados coletados no trabalho serão utilizadas para a elaboração de uma cartilha educativa como produto final do Mestrado Profissional em Sociologia. A cartilha é pensada com uma linguagem acessível e visualmente atrativa, apresentará os principais achados da pesquisa, as recomendações para a construção de ações de cuidados eficazes e atividades práticas para a escola, as famílias e a comunidade.

O trabalho será conduzida de acordo com os princípios éticos da pesquisa com seres humanos, garantindo o anonimato dos participantes, o respeito à sua dignidade e a confidencialidade das informações compartilhadas. Os participantes serão informados sobre os objetivos da pesquisa, seus direitos e a garantia do sigilo das informações. A participação na pesquisa será voluntária e os participantes terão a liberdade de desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

A Perspectiva Docente sobre Saúde Mental, Luto e Posvenção no Contexto Escolar

Emile Durkheim, explorou bem a sistemática do tema suicídio, Contudo a uma lacuna no que tange a explorar as consequências do fato social suicídio para a sociedade que de alguma forma é atingida por esse fenômeno.

O suicídio, em si, já é um tema pouco abordado por conta dos estigmas que estão ligados a ele. Quando nos referimos ao suicídio envolvendo adolescentes encontramos um dos cenários mais dolorosos e silenciosas no contexto escolar. A morte por suicídio não reverbera na sociedade da mesma forma do que se a vítima tivesse falecido de acidente ou por razões ligadas a alguma injustiça. Não é comum a morte chegar dessa forma na juventude.

A escola apresenta dificuldades em ressignificar a ideia de “juventudes”. Todavia é na escola que temos o campo de interação desses jovens e por isso é cada vez mais urgente reconhecê-la como lugar de tensões emocionais, experiências de dor e troca de afetos.

Escrever sobre a vida e sua interrupção precoce em meio a processos de sofrimento exige ética e delicadeza. O conceito de posvenção, ainda pouco difundido no ambiente educacional brasileiro, surge aqui como eixo central da reflexão. Entendida como o conjunto de ações desenvolvidas após o suicídio de um indivíduo com o objetivo de amparar os sobreviventes enlutados e prevenir novos casos.

Neste capítulo trataremos da parte da escuta de vinte e seis professores da rede pública de ensino, organizados a partir de entrevistas semiestruturadas, para compreender como os profissionais da educação percebem as questões ligadas a saúde mental, luto, suicídio de estudantes. e, em especial, as ações de posvenção.

A pesquisa, de caráter qualitativo, baseia-se no levantamento e análise de entrevistas com professores, que estão exercendo a função de Professor Diretor de Turma em 2025 na rede pública estadual de Fortaleza. de diferentes disciplinas, idades, gêneros, orientações políticas e religiosas. Visitamos escolas de educação profissional, tempo integral e escolas regulares. A diversidade dos perfis permite compreender como determinadas variáveis subjetivas, ideológicas e institucionais atravessam o modo como cada docente interpreta os acontecimentos ligados a saúde mental dos estudantes que podem culminar com um episódio de suicídio envolvendo um estudante.

Vigente na rede pública estadual, para o ensino médio, desde 2008, o projeto propõe que o professor, independentemente de sua área de conhecimento se responsabilize por uma determinada turma, cabendo-lhe conhecer os estudantes. individualmente, para atendê-los em suas necessidades. Além disso, são atribuições do Professor Diretor de Turma (PDT) a mediação das relações entre a sua turma e os demais segmentos da comunidade escolar, bem como o trabalho de formação cidadã e desenvolvimento de competências socioemocionais, junto aos seus estudantes.

A escolha da entrevista semiestruturada com os Professores Diretores de Turma (PDT), reflete a busca por uma compreensão abrangente e contextualizada, permitindo um relacionamento direto com os participantes da pesquisa e a flexibilidade necessária para explorar diferentes perspectivas de quem está diretamente em contato com os estudantes.

Ao analisar individualmente cada conjunto de respostas percebemos que os relatos evidenciam uma carência significativa de políticas institucionais voltadas a capacitação dos professores em entender as carências afetivas dos estudantes. A ausência de protocolos claros,

de suporte psicológico e de espaços de diálogo contínuo nas escolas acentua o isolamento dos professores diante de situações de crise. Em alguns casos, a responsabilidade de lidar com o sofrimento dos alunos recai exclusivamente sobre os ombros dos docentes, que, sem preparo técnico ou amparo emocional, acabam adoecendo também.

Neste capítulo buscamos construir uma visão analítica que dialogue com os relatos dos professores com a literatura especializada em juventude, educação e sociologia das emoções, considerando os seguintes eixos temáticos da entrevista: (1) saúde mental dos alunos; (2) luto na escola; (3) suicídio de um estudante; e (4) ações de posvenção no ambiente escolar.

Salientamos que este trabalho se insere na área de concentração do Ensino de Sociologia, dialogando com os pressupostos da educação como prática emancipatória e da escola como território de construção de sentidos. A escolha metodológica de escutar professores não é aleatória: são eles que cotidianamente mediam conflitos, percebem sinais, acolhem angústias e, muitas vezes, são os primeiros a identificar um aluno em sofrimento. O lugar do professor, portanto, é simultaneamente de observador, agente e afetado — o que torna suas vozes fundamentais para compreender os desafios e possibilidades de construção de uma cultura escolar mais sensível ao sofrimento psíquico.

Há uma dimensão da escola que não aparece nas as formações de professores promovidas pelas secretarias da educação, mas que preenche os corredores com uma presença quase constante: o sofrimento silencioso dos estudantes. Nas falas dos professores entrevistados nesta pesquisa, essa presença ganha forma, nome, e principalmente, um apelo. O adoecimento dos estudantes está relacionado desde o uso “indiscriminado” de medicamentos de “tarja preta”, provocados por diagnósticos apressados de TDA-H ou até mesmo um Autismo não investigado de maneira correta. A depressão e ansiedade invadem as mentes dos jovens e deixam cicatrizes.

Para a uma parte dos docentes, o sofrimento psíquico dos alunos já não é exceção, mas parte do cotidiano escolar. Professores de diferentes disciplinas, faixas etárias e escolas relataram perceber sinais de ansiedade, tristeza persistente, agressividade, apatia e desmotivação entre os estudantes. Alguns associam esses sinais ao excesso de cobranças externas (como o desempenho acadêmico e conflitos familiares), outros à ausência de escuta afetiva ou ao impacto do contexto social mais amplo, marcado por desigualdades, violências simbólicas e sensação de insegurança sobre o futuro.

Ao longo da análise das respostas encontramos a ansiedade como uma forte preocupação dos PDT's. Os professores relatam que muitos têm dificuldades de concentração, estão sempre muito agitados, e tem também não sabem precisar se os alunos possuem TDA-H ou tem a atenção prejudicada pelo vício em telas.

Esse trecho revela um duplo desafio: de um lado, a presença dos sintomas; de outro, a ausência de acompanhamento dos alunos por agentes de saúde — o que aprofunda o isolamento da escola no processo de cuidar desses estudantes. Na visão dos professores, não se trata, apenas de sofrimento individual, mas de um fenômeno que se espalha e atinge as relações, o processo de aprendizagem e até o ambiente escolar como um todo.

Os docentes concordam que a escola necessita de parcerias externas para melhor acolher o emocional dos alunos. Esse pedido de ajuda não é uma crítica; É uma constatação geracional. Muitos professores foram formados em uma lógica tecnicista, voltada à transmissão de conhecimento formal, com pouca ou nenhuma preparação para lidar com as dimensões emocionais da adolescência. Ainda assim, são justamente esses profissionais que se tornam as primeiras linhas de escuta para o aluno em sofrimento — uma posição simultaneamente potente e exaustiva.

Esse sentimento de solidão é outro ponto marcante nas entrevistas. Embora a escola seja um espaço coletivo por excelência, muitos professores revelam enfrentar essas situações de forma isolada, sem apoio técnico, sem diálogo institucional e, muitas vezes, sem preparo emocional. Isso cria uma sobrecarga afetiva que compromete a própria saúde mental dos educadores — uma dimensão que, embora não seja o foco central deste capítulo, não pode ser ignorada.

Os impactos da saúde mental no desempenho escolar também foram amplamente citados. Professores relatam que estudantes emocionalmente fragilizados demonstram baixa concentração, esquecimento frequente, explosões emocionais e desinteresse pelas atividades propostas. Isso gera um ciclo de desmotivação tanto para o aluno quanto para o docente, que precisa buscar constantemente novas formas de manter o vínculo pedagógico.

A ausência de uma rede psicossocial reflete também na formação dos próprios professores. Quando perguntados se se sentiam preparados para identificar sinais de sofrimento psíquico entre os alunos, a resposta majoritária foi negativa. Muitos docentes afirmaram ter aprendido a “perceber os sinais” na prática, por tentativa e erro, desenvolvendo uma espécie de sensibilidade intuitiva — algo que revela mais sobre sua humanidade do que sobre o suporte que receberam em sua trajetória.

Outro ponto que emerge com força nas falas é a dificuldade de articulação entre escola, família e comunidade. Para os docentes, muitos responsáveis não reconhecem o sofrimento dos filhos ou minimizam os sinais. Em alguns casos, há resistência em buscar ajuda profissional. Em outros, a família está também imersa em situações de vulnerabilidade que a impedem de

atuar como rede de apoio. Assim, a escola acaba assumindo, sozinha, a tarefa de cuidar — sem meios, sem preparo, e, muitas vezes, sem legitimidade para intervir.

Saúde Mental na visão dos professores: Análise das Entrevistas

A temática saúde mental tem ganhado espaço nas semanas pedagógicas nas escolas pelo país. Contudo para a realidade que se apresenta, tem sido insuficiente. Abordar um tema cada vez mais relevante, somente em um breve momento no início do ciclo letivo não está capacitando a equipe docente para administrar as situações que surgem no decorrer do ano letivo.

A saúde emocional dos alunos e dos educadores impacta diretamente na qualidade do aprendizado e na dinâmica do ambiente escolar. Ao longo das entrevistas realizadas com os professores, surgiram diversas reflexões sobre como a saúde mental é percebida, vivenciada e tratada no cotidiano das escolas. Os relatos dos educadores foram nos deram sustentação para pensar em estratégias para formatar nossa cartilha com pontos destacados pelos professores para apoiar a saúde mental dos estudantes, bem como os aspectos relacionados ao autocuidado e à saúde emocional dos próprios professores.

Para os professores entrevistados as pressões externas — como a cobrança por desempenho acadêmico, as dificuldades familiares e a pressão para se destacar nas redes sociais superam a cobrança de notas, essa pressão faz com que eles cheguem à escola já cansados emocionalmente. E isso afeta o aprendizado, claro. Essa percepção foi compartilhada por outros entrevistados, que notaram uma crescente dificuldade dos alunos em lidar com a frustração e a pressão, o que se reflete em comportamentos como agressividade, falta de motivação e, em alguns casos, afastamento social.

O impacto das redes sociais — têm afetado significativamente o comportamento e o bem-estar emocional dos estudantes. Todos os entrevistados citam que os casos de ansiedade, depressão e estresse entre os alunos aumentaram consideravelmente. Seria desejável que os professores possuíssem um apoio psicológico. Falta um olhar para perceber que o comportamento dos alunos esconde questões mais profundas. Fica difícil perceber quem precisa de ajuda psicológica, pois eles não falam abertamente sobre isso. Esse relato ilustra uma das grandes dificuldades enfrentadas pelos educadores, a falta de preparo para lidar com a saúde mental dos alunos de forma eficaz, o que, por sua vez, contribui para a invisibilidade de muitos problemas emocionais nas escolas.

Outra grande preocupação que é velada nas escolas é o fato de quem cuida da saúde mental dos professores? Em relação à saúde mental dos próprios educadores, as entrevistas revelaram que, embora haja uma crescente conscientização sobre a importância do autocuidado, os professores se veem sobrecarregados pela pressão de suas funções, pelas exigências do sistema educacional e pela responsabilidade de lidar com as questões emocionais dos alunos.

Essa dificuldade em equilibrar as demandas emocionais do trabalho com o cuidado pessoal é um ponto recorrente nos relatos dos entrevistados. Relatam que é complicado conseguir distinguir o estresse pessoal do estresse profissional. Apontam que se sentem sobrecarregados, e que segundo os entrevistados não saber como pedir ajuda aumenta a aflição. Ocorre um afastamento dos colegas, dos alunos, e isso pode ser um indicativo que algo não anda bem com a saúde mental do professor. A falta de apoio psicológico para os professores nas escolas é uma questão que foi levantada com frequência, evidenciando a necessidade urgente de um ambiente de trabalho mais saudável e acolhedor para os educadores.

Estratégias de Apoio à Saúde Mental nas Escolas

Os professores entrevistados relataram tipos individuais de estratégias que utilizam, meio no improviso, não agravar problemas relacionados com a saúde mental dentro da sala de aula. A escuta ativa, por exemplo, foi mencionada como uma das abordagens mais comuns. Quando o professor assume com afinco a função de PDT as vezes, um simples 'como você está?' já abre espaço para um diálogo importante, e isso tem sido muito eficaz."

Outros docentes apontam a importância de criar um ambiente de aprendizado mais relaxado e acolhedor: Quando o clima na sala de aula é mais tranquilo, sem tantas pressões, os alunos conseguem se abrir mais e mostrar quem realmente são. Isso ajuda muito em questões de saúde mental. Esses relatos sugerem que, mesmo diante de um cenário de pressão constante, muitos educadores tentam incorporar práticas que promovem o bem-estar emocional dentro do espaço escolar.

A sobrecarga de responsabilidades é outro fator limitante para a implementação de práticas mais consistentes. Atividades de suporte psicológico, como rodas de conversa demandam tempo para o seu amadurecimento, porém o ritmo da escola, com tantas matérias e atividades extracurriculares, acaba não permitindo. Esse ponto evidencia a necessidade de um repensar sobre as práticas pedagógicas e as condições de trabalho nas escolas, de forma a integrar a saúde mental de forma mais eficaz nas rotinas escolares.

O Papel da Escola na Promoção da Saúde Mental

Não é muito claro o papel das instituições de ensino no cuidado com a saúde mental não apenas dos alunos, mas também dos professores e funcionários. É preciso defender a ideia de que as escolas devem se tornar espaços mais inclusivos e atentos às necessidades emocionais de todos, não apenas em momentos de crise, mas de forma preventiva. A escola precisa ser um lugar onde os alunos se sintam seguros para falar sobre suas emoções.

No entanto, a realidade é que as instituições, não estão devidamente preparadas para lidar com essas questões de forma integral. Uma alternativa para iniciar uma mudança na visão dessa temática seria investir mais na formação continuada dos professores, oferecendo a eles incentivos para se qualificarem além das disciplinas que lecionam. Esse comentário ressalta a lacuna existente entre a formação pedagógica e a preparação para enfrentar os desafios emocionais que surgem no cotidiano escolar.

Discussão sobre as estratégias utilizadas pelos professores para lidar com questões de saúde mental dentro da escola

As entrevistas realizadas com os professores revelaram uma variedade de abordagens e estratégias adotadas para lidar com as questões de saúde mental dentro do ambiente escolar. Mesmo diante de um sistema educacional com muitas limitações estruturais e de apoio, os educadores demonstraram uma grande capacidade de adaptação e resiliência, criando formas criativas e humanas de abordar as dificuldades emocionais de seus alunos. Embora essas estratégias nem sempre sejam formalmente reconhecidas ou sistematizadas, elas representam um esforço genuíno de promover o bem-estar emocional no contexto escolar.

Uma das estratégias mais citadas pelos professores é a escuta ativa, considerada fundamental para identificar as necessidades emocionais dos alunos. Professores como enfatizam a importância de criar um espaço seguro e aberto para que os estudantes possam expressar suas angústias. Quando o aluno se sente ouvido, ele percebe que não está sozinho. Muitas vezes, a simples ação de perguntar 'como você está?' pode abrir portas para uma conversa que vai além do conteúdo curricular.

A escuta ativa, portanto, funciona como uma ferramenta de prevenção, permitindo que os professores se antecipem a questões mais graves de saúde mental. Essa prática é vista como uma forma de fortalecer a confiança entre professor e aluno, tornando a escola um lugar onde

o estudante se sente acolhido, especialmente em um momento em que as questões emocionais se tornam mais complexas e visíveis.

No entanto, a eficácia dessa estratégia depende da habilidade do professor em perceber sinais não-verbais e, muitas vezes, agir sem o respaldo de uma formação específica. Muitas vezes os alunos não falam abertamente sobre o que estão passando, então precisamos aprender a observar mais atentamente. A escuta ativa é uma ferramenta poderosa, mas exige que estejamos realmente atentos ao que está acontecendo com cada um deles

Outra estratégia recorrente entre os professores é a criação de ambientes de aprendizado mais acolhedores e relaxados. Muitos educadores acreditam que, para promover a saúde mental dos alunos, é necessário criar uma atmosfera de confiança e respeito, onde os estudantes se sintam à vontade para explorar suas emoções sem o medo de serem julgados. Essa abordagem ao compartilhar sua experiência com a criação de atividades que proporcionam momentos de descontração no ambiente escolar.

As atividades de socialização são eficazes para reduzir o estresse e a pressão que muitos alunos enfrentam, permitindo que eles se concentrem melhor nas tarefas escolares. Ao tornar o espaço escolar mais humano, os educadores promovem um tipo de aprendizagem mais sensível e, ao mesmo tempo, estimulam o bem-estar emocional dos estudantes.

A integração de práticas socioemocionais no currículo pode incluir atividades como discussões sobre empatia, autoestima, gestão do estresse e estratégias de resolução de conflitos. Essa abordagem busca formar indivíduos emocionalmente mais preparados para enfrentar os desafios da vida, ao mesmo tempo em que reforça a importância da saúde mental no processo educacional.

Contudo, essa integração enfrenta desafios significativos. A pressão para que os alunos atinjam determinados objetivos acadêmicos, somada à escassez de recursos e tempo, dificulta a implementação de atividades que possam beneficiar a saúde mental de maneira mais sistemática. A rotina da escola acaba não permitindo que os professores coloquem em prática o que planejam no campo socioemocional. Há uma grande cobrança por resultados, e as questões emocionais ficam em segundo plano.

Em algumas escolas, a parceria com profissionais da saúde mental, como psicólogos e assistentes sociais, tem se mostrado uma estratégia importante, especialmente em contextos mais desafiadores. Os professores entrevistados enfatizaram a importância dessa colaboração. Saber que o estudante está sendo assistido e que esse professor vai refletir no processo de desenvolvimento cognitivo desse estudante gera uma satisfação no professorado envolvido com as necessidades desse estudante.

A parceria entre educadores e profissionais de saúde mental permite que as intervenções sejam mais eficazes e personalizadas, proporcionando um suporte contínuo tanto para os alunos quanto para os professores. Entretanto, essa colaboração depende da disponibilidade de recursos, que muitas vezes são escassos, especialmente em escolas públicas. A escassez de profissionais especializados nas escolas dificulta a implementação de estratégias mais integradas e contínuas de apoio à saúde mental.

Uma das dificuldades mencionadas por vários professores foi o estigma ainda presente em relação às questões de saúde mental. Embora o tema esteja sendo mais discutido nos últimos anos, muitos educadores relatam que os alunos, e até mesmo os pais, ainda têm receio de procurar ajuda por medo de serem rotulados. É papel da escola desmistificar as questões envolvendo o tema saúde mental, Divulgação de cartazes e esclarecimentos com profissionais da área convidados para palestrar na escola são alternativas baratas de promoção da informação correta.

Essa resistência pode ser um obstáculo para a implementação de estratégias eficazes de apoio à saúde mental. Portanto, muitos professores têm se empenhado em realizar campanhas de conscientização dentro das próprias escolas, tentando quebrar barreiras e criar um ambiente mais aberto e acolhedor para discussões sobre saúde mental.

Implicações para políticas públicas e formação docente

O suicídio entre jovens é um problema de saúde pública que merece urgência e cuidado, tanto na sua prevenção quanto nas ações pós-evento, compreendidas como um conjunto de medidas tomadas após um suicídio, visando apoiar a comunidade impactada e evitar novas ocorrências. Dentro do ambiente escolar, a abordagem pós-evento é, especialmente importante, uma vez que a escola é um local fundamental para a interação social, onde a angústia gerada por um acontecimento traumático como o suicídio pode, rapidamente, se espalhar entre alunos, educadores e funcionários. As políticas públicas precisam definir orientações precisas e empáticas para a posvenção nas instituições de ensino, incorporando a saúde mental no espaço escolar. Isso envolve a elaboração de protocolos de resposta para situações de suicídio, oferecimento de apoio psicológico aos afetados, supervisão de grupos em situação de vulnerabilidade e fomento a práticas de escuta atenta e uma comunicação franca sobre Secretarias de Educação e Saúde, para assegurar suporte técnico e humano às escolas que participam desse processo.

Para garantir a eficácia das intervenções em posvenção, é fundamental que as políticas públicas considerem o suicídio como um fenômeno com múltiplas causas, demandando uma abordagem que integre diferentes disciplinas e setores. A atuação deve ser parte de uma estratégia sistemática e permanente de saúde mental no contexto escolar, ao invés de ser apenas pontual ou reativa. Essa abordagem inclui a alocação de recursos em programas que estimulem o bem-estar emocional, a formação de equipes multidisciplinares nas escolas, como psicólogos e assistentes sociais, e o estabelecimento de canais de comunicação, diretos, com os serviços de saúde mental.

A legislação brasileira, por meio da Lei nº 13.819/2019, que estabelece a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, já representa um progresso significativo, embora sua implementação ainda enfrente desafios em diversas redes escolares. É fundamental que os municípios e estados desenvolvam estratégias de ação eficazes que não se limitem, apenas, à prevenção, mas também à posvenção, contando com diretrizes claras para abordar o impacto do suicídio na sociedade. Isso abrange a gestão cuidadosa das informações evitando, tanto a romantização quanto o sensacionalismo, e promovendo uma abordagem ética e respeitosa no ambiente escolar. É essencial que as políticas governamentais disponibilizem a infraestrutura, os recursos e a capacitação necessários para os professores, permitindo que desempenhem suas funções de maneira consciente, empática e eficiente na prevenção do suicídio.

A escola, enquanto ambiente de interação e crescimento pessoal, precisa ser reforçada como um local de atenção, acolhida e valorização da vida. Um outro ponto crucial é a formação permanente dos professores. Estes e outros profissionais da área educacional precisam ser treinados, não apenas para reconhecer indícios de sofrimento emocional nos alunos, mas também para gerenciar eventos traumáticos, como o suicídio de um estudante ou colega de trabalho.

O treinamento deve abranger tópicos relacionados à Saúde Mental, Escuta Ativa, Gestão de Crises, além de estratégias de acolhimento e direcionamento apropriado a serviços especializados. Ao criar um ambiente seguro e acolhedor, os professores se tornam peças-chave, tanto na prevenção quanto no suporte após a ocorrência de crises. A formação inicial e continuada dos professores deve incluir, de forma essencial, temas relacionados à Saúde Mental, Inteligência Emocional, Mediação de Conflitos e Práticas Restaurativas. É fundamental que o professor seja considerado um educador integral, que abrange não apenas os aspectos cognitivos, mas também os emocionais e sociais de seus alunos. Diante de um caso de suicídio

o educador, muitas vezes, se encontra despreparado para enfrentar a dor dos estudantes, o receio de abordar o assunto e a preocupação em piorar a situação.

Um programa de formação bem elaborado pode fornecer recursos práticos e teóricos que permitam ao educador agir com mais confiança, empatia e eficácia. Além da formação especializada, é essencial atender à saúde emocional dos professores, uma vez que eles também são afetados por um suicídio e necessitam de apoio da instituição. Práticas de autocuidado e o estabelecimento de redes de suporte entre os profissionais são abordagens essenciais para reforçar a resiliência e assegurar reações empáticas e atentas em situações de crise. A instituição de ensino deve criar diretrizes internas para acolhida e comunicação, definindo as ações a serem tomadas em situações de suicídio: a forma de lidar com a turma, como oferecer apoio à família, como reconhecer estudantes em situação de risco e como encaminhá-los para o suporte necessário. Essas estratégias precisam ser elaboradas em colaboração com profissionais de saúde, conselhos tutelares e a comunidade escolar, levando em conta as particularidades culturais e sociais de cada localidade. Um aspecto relevante é a função da escola na formação de uma cultura de acolhimento e inclusão.

Quando a instituição escolar se transforma em um ambiente onde os alunos se sentem ouvidos, apreciados e respeitados, ela auxilia na diminuição de fatores de risco associados ao suicídio, como solidão, bullying, agressões e a ausência de suporte emocional. Portanto, a posvenção não se restringe a ações realizadas após um incidente, mas também intensifica a importância da escola na promoção da vida e na criação de relacionamentos saudáveis. Em síntese, a eficácia da posvenção nas instituições de ensino está atrelada à existência de políticas públicas coesas e a uma formação robusta para os professores, capacitando-os a apoiar, direcionar e resguardar suas comunidades escolares, estimulando uma cultura de cuidado, escuta e valorização da vida.

MORTALIDADE POR SUICÍDIO NO CEARÁ: UM PANORAMA EPIDEMOLOGICO (2009 – 2023).

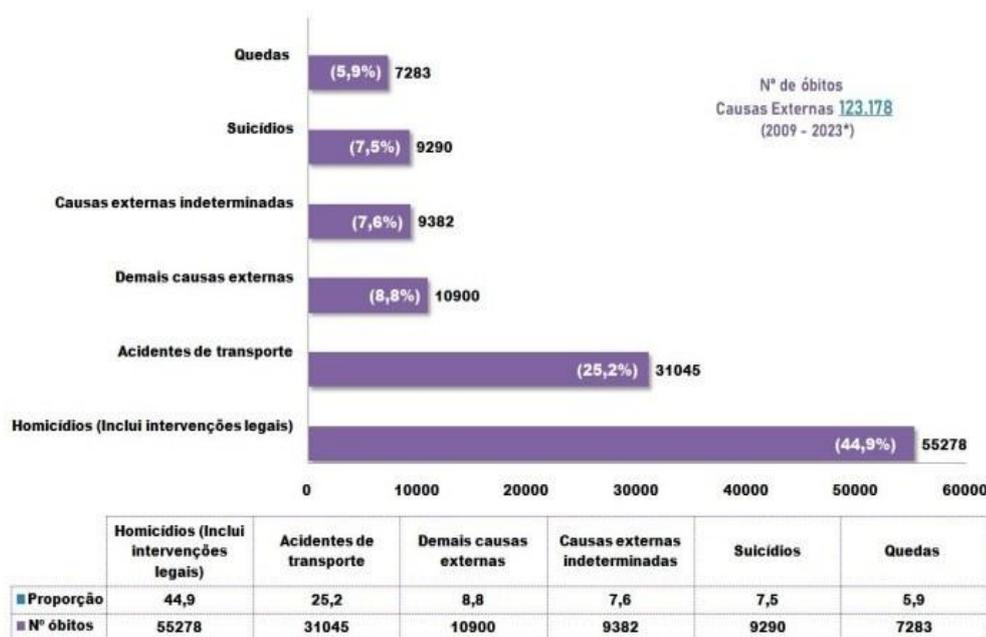
O suicídio é reconhecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma questão urgente de saúde pública, que afeta todas as faixas etárias e contextos sociais. Globalmente, cerca de 700 mil pessoas tiram suas vidas anualmente, configurando uma morte por suicídio a cada 40 segundos (OMS, 2021). No Brasil, embora as taxas sejam ligeiramente inferiores à média mundial (6,5 por 100 mil habitantes), o impacto social e econômico do suicídio é significativo, especialmente entre jovens, populações indígenas e comunidades rurais. No Ceará, os dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), analisados no período de

2009 a 2023, revelam tendências alarmantes e oferecem um panorama detalhado das características desse fenômeno no estado.

Evolução Temporal e Distribuição Regional

Entre 2009 e 2023, o Ceará registrou 9.290 óbitos por suicídio, com uma taxa média anual de 7,0 por 100 mil habitantes. Durante esse período, observou-se uma tendência de crescimento, atingindo o pico de 823 óbitos em 2021, o que representou um aumento de 35,8% em relação ao ano anterior. Nos dois anos seguintes, houve leve redução, com taxas ainda superiores às observadas antes de 2021. Esse aumento recente pode estar relacionado a fatores sociais, como os efeitos da pandemia de COVID-19, que exacerbaram o isolamento social, a ansiedade e outros transtornos mentais.

Figura 1. Distribuição e Proporção acumulada da mortalidade por Causas Externas. Ceará, 2009 a 2023



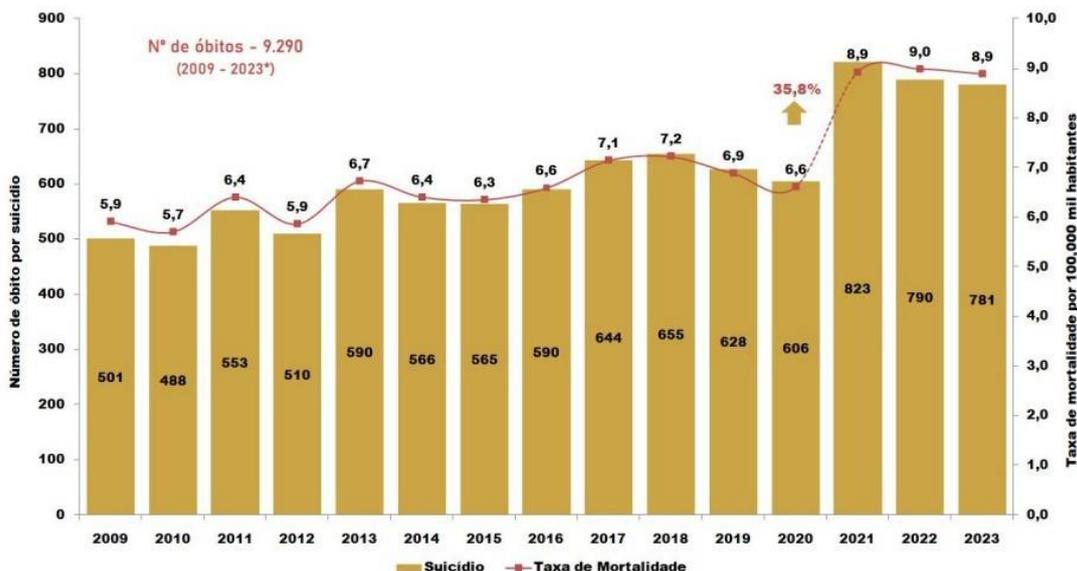
Fonte: SESA/SEVIG/COVEP/CEVEP/DATASUS/SIM.

*Dados sujeitos a alteração e revisão, atualizados até o dia 06/08/2024; Nota 1: Foram considerados os óbitos por causas externas classificados com os seguintes códigos da CID-10: Acidentes de Transporte (V01 a V99); Quedas (W00 a W19); Homicídios (X85 a Y09 - agressões) (Y22 a Y24 -disparo de arma de fogo, com intenção indeterminada) (Y35 - intervenção legal) (Y87.1 - sequela de agressão) e Y89.0 (sequela de intervenção legal); Suicídios (X60 a X84 - lesões autoprovocadas intencionalmente e Y87.0 - sequelas de lesões autoprovocadas); Demais causas externas (W20 a X59; Y36 a Y89; Y90 a Y98) e Causas Externas Indeterminadas (Y10 a Y34)

A Figura 2 mostra a dinâmica e as variações anuais dos suicídios no estado do Ceará, ao longo de 14 anos, de 2009 a 2023, totalizando 9.290 óbitos com uma taxa média anual de

7,0 óbitos. No período de análise observou-se uma tendência geral de aumento no número de óbitos por suicídio.

Figura 2. Distribuição e taxa de mortalidade por suicídios, Ceará, 2009 a 2023*



Fonte: SESA/SEVIG/COVEP/CEVEP/DATASUS/SIM. *Dados sujeitos a alteração e revisão, atualizados até o dia 06/08/2024

Regionalmente, o Sertão Central apresentou a maior taxa média (10,0 por 100 mil habitantes), seguido pela Região Norte (9,2) e pelo Cariri (8,6). Municípios menores, especialmente aqueles com populações abaixo de 25 mil habitantes, exibiram as taxas mais elevadas de mortalidade por suicídio. Entre 2009 e 2023, esses municípios registraram uma média de 9,7 por 100 mil habitantes, com um pico de 11,9 em 2021. Essa vulnerabilidade reflete limitações no acesso a serviços de saúde mental e desigualdades socioeconômicas que agravam os fatores de risco.

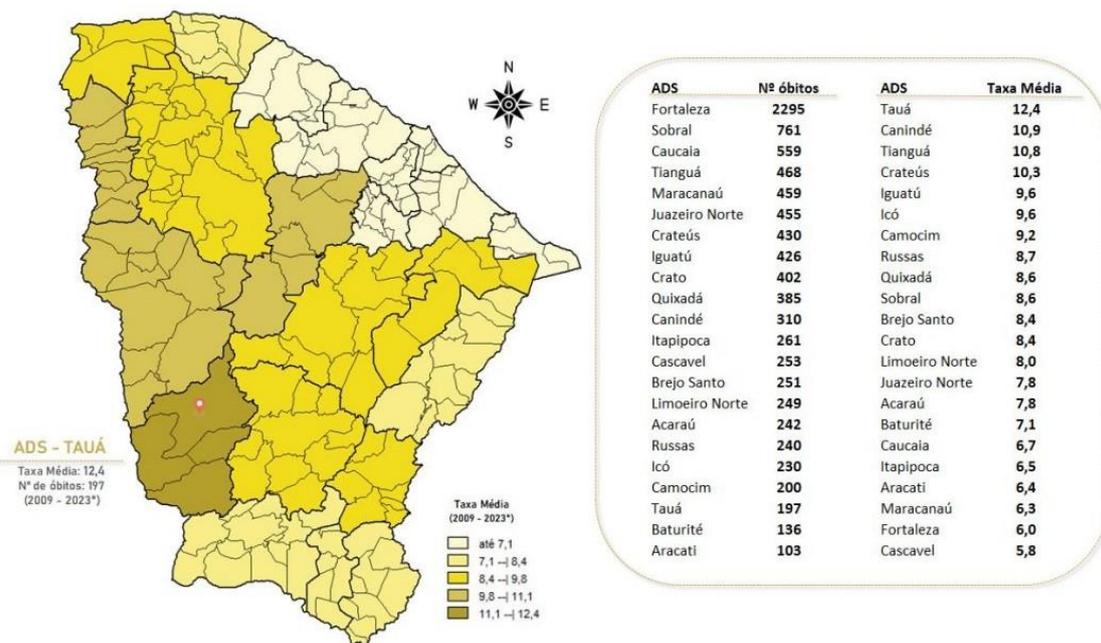
Fortaleza, apesar de apresentar uma taxa média de mortalidade por suicídio (6,1 óbitos por 100.000 habitantes) menor que outras regiões do Ceará, concentra um número absoluto de óbitos significativo (3.947), devido à sua grande população. Entre 2009 e 2023, a Região de Fortaleza, que inclui a capital, observou uma taxa relativamente estável, com uma queda entre 2019 e 2020 (de 6,9 para 3,7), seguida por um aumento gradual até 2023 (7,3).

A análise por Área Descentralizada de Saúde (ADS) revela que Fortaleza lidera em número absoluto de óbitos por suicídio (2.295 casos), mas apresenta uma taxa média relativamente baixa (6,1 por 100.000 habitantes). Essa taxa coloca Fortaleza entre as ADS com menores taxas, ao lado de Maracanaú (6,3) e Cascavel (5,8).

É importante destacar que a análise por tamanho populacional dos municípios indica

que as maiores taxas de mortalidade por suicídio se concentram em municípios com menos de 25 mil habitantes. Essa informação sugere que, em Fortaleza, a menor taxa de suicídio pode estar relacionada ao tamanho da população e à maior oferta de serviços de saúde mental em comparação aos municípios menores.

Figura 3. Distribuição acumulada e taxa média da mortalidade por Suicídio, segundo Área Descentralizada de Saúde, Ceará, 2009 a 2023*



Fonte: SESA/SEVIG/COVEP/CEVEP/DATASUS/SIM. *Dados sujeitos a alteração e revisão, atualizados até o dia 06/08/2024

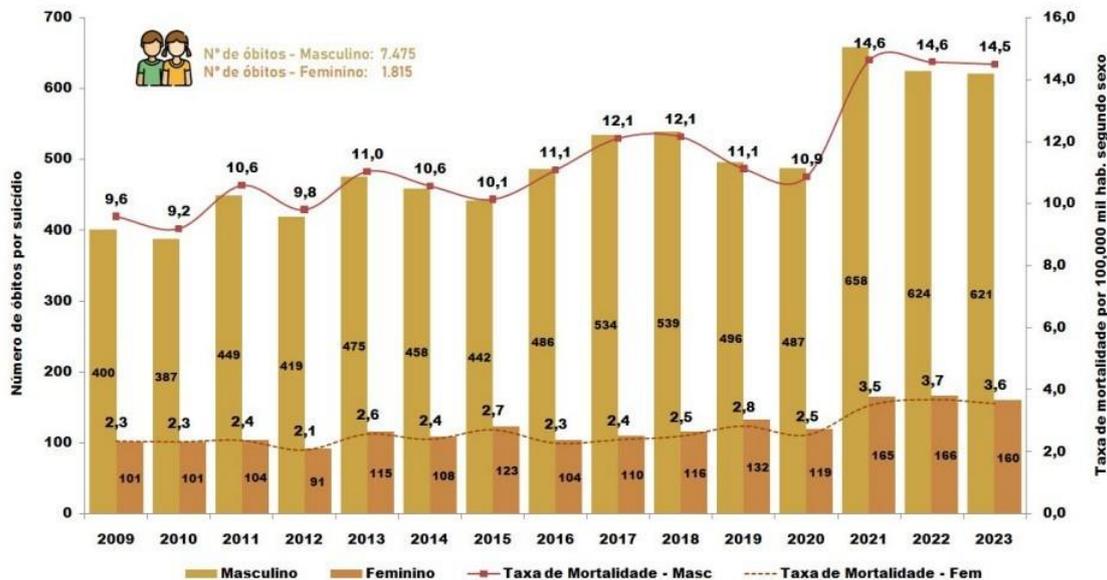
No entanto, o aumento da taxa de suicídio em Fortaleza a partir de 2020, juntamente com a tendência de aumento nos municípios com população acima de 100 mil habitantes, aponta para a necessidade de atenção e investimento em políticas de prevenção ao suicídio na capital cearense.

As secretarias de saúde juntamente com as demais instituições sociais, dentre elas as Escolas, devem desenvolver estratégias de prevenção adaptadas às características e necessidades específicas de cada área, considerando os fatores socioeconômicos e culturais que podem influenciar a vulnerabilidade ao suicídio. Em Fortaleza, essa adaptação deve levar em conta os desafios urbanos específicos, como o estresse, o isolamento social e as desigualdades socioeconômicas.

Os dados demográficos revelam um perfil claro das vítimas: homens representam a maioria dos casos, com uma proporção de quase quatro suicídios masculinos para cada feminino em 2023 (621 contra 160). Embora os homens sejam mais propensos ao suicídio, a análise

mostrou um aumento percentual ligeiramente maior entre as mulheres, especialmente a partir de 2016. Esse crescimento destaca a importância de abordar fatores de risco específicos de gênero em políticas públicas de saúde mental.

Figura 4. Distribuição e taxa de mortalidade por suicídios, segundo sexo, Ceará, 2009 a 2023*



Fonte: SESA/SEVIG/COVEP/CEVOP/DATASUS/SIM. *Dados sujeitos a alteração e revisão, atualizados até o dia 06/08/2024 Nota: excluídos dados ignorados/brancos

A faixa etária mais afetada foi a de 20 a 39 anos, responsável por 42,6% dos óbitos, seguida pela de 40 a 59 anos (32,1%). Idosos acima de 60 anos, embora representem um percentual menor, apresentaram um crescimento constante, especialmente na faixa de 60 a 79 anos, refletindo questões como doenças crônicas, solidão e isolamento social. Notavelmente, a faixa etária entre 80 anos ou mais teve as taxas mais altas proporcionalmente, apesar de flutuações nos números absolutos.

Cada faixa etária apresenta um comportamento específico para desenvolver a ideação suicida, a faixa etária de 20 a 39 anos e 40 a 59 anos por possui uma independência maior em relação as outras faixas etárias tem mais acesso a meios que podem leva-lo a cometer o suicídio.

A relevância do estudo sobre posvenção na escola.

A relevância da pesquisa se fundamenta na necessidade de vencer determinados estigmas nas escolas. Enfrentar os impactos do suicídio é fundamentalmente trabalhar a saúde mental dos membros de uma comunidade escolar como um todo.

O fato social suicídio vem ganhando espaço nas estatísticas sobre óbitos no Brasil e em outros países. Medidas de prevenção ainda são muito incipientes, contudo, pretendemos

estudar ações que amenizem os efeitos de quando a prevenção falha. Nesse cenário a rede de apoio pós-crise, surge como uma condição para promoção da saúde mental e também como uma atividade secundária de prevenção.

A cartilha servirá como um indicativo de caminhos para o despertar da consciência nos gestores, professores e funcionários da importância de se elaborar um plano de cuidado com o luto dos alunos dentro do contexto escolar. Com diretrizes práticas que ajudem a comunidade a responder de forma ágil e eficiente a essa demanda tão sensível que mexe tanto com a estrutura emocional e cognitiva dos adolescentes.

A elaboração de uma cartilha educativa como produto da pesquisa surge como uma ferramenta funcional para auxiliar a escola na tomada de decisão para a criação de um plano de apoio aos atingidos. A cartilha terá como objetivo orientar os membros adultos da comunidade escolar, fornecendo informações sobre o suicídio, seus fatores de risco, as diferentes formas de luto e as estratégias de acolhimento. O texto também servirá como um guia para a criação de uma rede de apoio dentro da escola, com a formação de grupos de apoio e a promoção de atividades de gestão do luto e conscientização sobre a saúde mental.

Sendo um conceito relativamente recente no Brasil, a posvenção compreende uma série de cuidados com as pessoas atingidas de uma forma com o suicídio de alguém próximo ou não. A morte de um jovem é um evento que causa comoção, não importando a sua natureza. Quando ocorre por meio de suicídio é necessária uma rede de cuidado mais ampla que acolha além do luto.

O estudo proposto se caracteriza por explorar formas de medidas de administração pós-crise que sejam adequadas ao campo da escola e que estejam a luz da ética. Além disso, a pesquisa para o campo da Sociologia ao explorar a influência dos conceitos sociais na transformação do pensamento, sobretudo dos jovens, trazendo o diálogo de autores da sociologia com autores de outras áreas como da psicologia e pedagogia. A pesquisa oferece um olhar diferenciado para a saúde mental dos estudantes em um momento delicado, funciona como uma resposta imediata a uma tragédia, além de fomentar a cultura do cuidado e empatia, gerando um apoio emocional contínuo aos alunos.

CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto faz parte de uma pesquisa que está atrelada ao Programa PROFSOCIO, sendo financiada pela CAPES. Os resultados, até a presente data da confecção deste trabalho, estão ainda sendo catalogados e a cartilha encontra-se em processo de formatação. Contudo podemos compartilhar alguns achados que foram garimpados ao longo do processo metodológico da construção da pesquisa. O primeiro destaque que pretendemos apresentar é o fato do desconhecimento do termo posvenção. A sociedade encontra-se em transição no que se diz respeito ao entendimento do campo do adoecimento mental, a questão da posvenção é um elemento importante de acolhimento e prevenção de outros casos de suicídio.

Em segundo lugar, o modelo estatal de educação será deficitário, em muitos aspectos, se ficar atrelado apenas a gestão de uma única secretária de governo. É urgente a necessidade de participação mais ativa das secretárias da saúde, da segurança, da infraestrutura e dos direitos humanos.

Apesar da possibilidade de que este estudo agregue valor à discussão sobre a posvenção nas instituições de ensino, é fundamental admitir certas limitações que afetam tanto sua extensão quanto sua profundidade. De acordo com os depoimentos, é evidente que as professoras se empenham em desenvolver práticas de ensino que sejam, realmente, significativas para seus alunos, especialmente em relação a temas importantes dentro do ambiente escolar. Mais que isso, observa-se que elas aproveitam uma certa autonomia pedagógica para explorar novos conhecimentos, a fim de aprimorar sua compreensão sobre o tema, possibilitando um melhor trabalho com os estudantes quando essa demanda aparece. Ficou claro que a flexibilidade no currículo é limitada, mas isso depende, em grande parte, da iniciativa e do desejo do professor, não sendo uma diretriz, claramente, estabelecida no planejamento curricular oficial. As professoras se empenharam, consideravelmente, para entender melhor o assunto em questão, percebendo que o papel da escola é preparar indivíduos capazes de se desenvolver e interagir de forma saudável, com a sociedade, além de aprender a administrar suas emoções. Este estudo possibilitou entender a relevância de o educador procurar adquirir novos conhecimentos para sua prática diária em sala de aula, se aprimorando e se equipando com referências e saberes que o auxiliem a lidar com os desafios frequentes do ambiente escolar. Além disso, ressalta a necessidade de que as instituições de formação se atenham a essa questão, durante a formação inicial, assim como a importância de oferecer cursos de capacitação sobre temas relevantes enquanto o professor está em atividade. A sensibilidade do assunto, altamente marcado por preconceito, sofrimento e falta de

comunicação, pode ter impactado a vontade dos participantes de relatar suas experiências de forma mais franca. Em diversas situações, a falta de diretrizes institucionais definidas impediu a obtenção de dados mais precisos sobre as medidas realmente implementadas pelas instituições de ensino após o suicídio de um integrante da comunidade escolar. Aplicar recursos em pesquisas futuras é fundamental para reforçar a função das instituições de ensino como locais de acolhimento e proteção, aptos a enfrentar contextos de luto, de maneira ética, respeitosa e responsável.

Ainda podemos apontar a necessidade de se cuidar de quem cuida. Ou seja, a necessidade de um programa público de amparo aos profissionais ligados a educação, fazendo isso teremos, supostamente profissionais mais preparados para atender a necessidade de quem é o “ alfa e ômega” da escola . O Estudante,

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Phillippe. História da morte no ocidente. Rio de Janeiro: Saraiva, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. Hermenêutica e ciência social: abordagens da compreensão. Tradução de Fernando Santos. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2022.

BOURDIEU, Pierre . Questões de sociologia. Tradução de Miguel Serras Pereira e Sara Fernando Mateus. Disponível em: https://monoskop.org/images/e/e8/Bourdieu_Pierre_Quest%C3%B5es_de_Sociologia_2003.pdf. Acesso em: 01 set. 2024.

BRASIL. Lei nº 13.819, de 26 de abril de 2019. Institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/113819.htm. Acesso em: 05 maio 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Setembro Amarelo - **Cartilha Estratégica de Prevenção do Suicídio**, 2017a. Disponível em: [Cartilha - Agenda de Ações Estratégicas para a Vigilância e Prevenção do Suicídio e Promoção da Saúde no Brasil — Ministério da Saúde](#). Acesso em 2 de setembro 2024.

CAMUS, Albert. O Mito de Sísifo. Tradução e apresentação Mauro Gama. RJ: Ed Guanabara, 1989.

ELIAS, N. A solidão dos moribundos. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Taxas de suicídio e autolesões seguem aumentando no Brasil, aponta estudo. Cidacs, Bahia**, 20 fev. 2024. Disponível em: <https://cidacs.bahia.fiocruz.br/2024/02/20/taxas-de-suicidio-e-autolesoes-seguem-aumentando-no-brasil-aponta-estudo/>. Acesso em: 09 jul. 2024.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Metodologias Qualitativas na Sociologia. 4ª edição. Editora Vozes, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. Pró-reitoria de Extensão. Coordenação setorial de produção acadêmica e publicações. **Como produzir uma cartilha de extensão**. Disponível em: [cartilha_produzir cartilha_proex\)2016.indd](#). Acesso em: 13 abr. 2024.